

## Sobre ser grande e não ser vista: a mulher que há em preciosa

*On being big and not being seen:  
the woman in precious*

*Sobre ser grande y no ser vista:  
la mujer que hay en preciosa*

Nathalye Nallon Machado<sup>2</sup> 

Anderson Ferrari<sup>3</sup> 

**Resumo:** Este texto é parte de um investimento teórico e de pesquisa que nos movimenta em direção à problematização das relações entre os artefatos culturais, discursos e modos de subjetivação. Trata-se de uma reflexão acerca da poética das imagens do filme “Preciosa”, que retrata uma mulher obesa de um bairro pobre de Nova Iorque. Adotamos como procedimentos metodológicos a análise fílmica em conjunto com as proposições de Michel Foucault acerca da problematização, ou seja, colocar sob suspeita as formas que nos levam a pensar e entender o mundo como entendemos. Assim, escolhemos discutir e problematizar a questão do feminino em relação à obesidade, que, em conjunto com o feminismo e artefatos culturais, são nossos argumentos centrais neste texto. Construímos nossas discussões considerando o aporte teórico de Michel Foucault, Guacira Lopes Louro, Alfredo Veiga-Neto, Rosa Maria B. Fischer, entre outros e outras autoras. Na escola, Preciosa é grande demais para sua mesa; no restaurante, deduzem que sua porção será sempre a maior; em casa, é humilhada, violentada e desrespeitada, tudo parece sugerir um caos pessoal absoluto e indissolúvel. As condições humanas e suas armadilhas nos convidam a voltar nosso olhar para os padrões estéticos considerados aceitáveis e que tornam a vida e a existência de Claireece um lugar de solidão.

**Palavras-chave:** Gênero. Feminismo. Gordofobia.

**Abstract:** *This text is part of a theoretical and research endeavor that moves us towards the problematization of the relationships between cultural artifacts, discourses, and modes of subjectivation. This is a reflection on the poetics of the images from the movie "Precious" which portrays an obese woman from a poor neighborhood in New York. We adopt, as methodological procedures, film analysis in conjunction with Michel Foucault's propositions about problematization, that is, to put under suspicion the forms that lead us to think and understand the world as we understand it. Thus, we chose to discuss and problematize the issue of the feminine in relation to obesity, which, together with feminism and cultural artifacts, are our central arguments in this text. We construct our discussions considering the theoretical contribution of Michel Foucault, Guacira Lopes Louro, Alfredo Veiga-Neto, Rosa Maria B. Fischer, among others and other authors. At school, Preciosa is too big for her table; in the restaurant, they deduce that their portion will always be the greater; at home, is humiliated, violated and disrespected, everything seems to suggest an absolute and indissoluble personal chaos. Human conditions and their traps invite us to turn our gaze to the aesthetic standards considered acceptable and that make the life and existence of Claireece a place of solitude.*

**Keywords:** Gender. Feminism. Fatfobia.

**Resumen:** *Este texto es parte de una inversión teórica y de investigación que nos mueve hacia la problematización de las relaciones entre los artefactos culturales, discursos y modos de subjetivación. Se trata de una reflexión sobre la poética de las imágenes de la película “Preciosa”, que retrata a una mujer obesa de un barrio pobre de Nueva York. Adoptamos como procedimientos metodológicos el análisis fílmico en conjunto con las proposiciones de Michel Foucault acerca de la problematización, o sea, poner bajo sospechas las*

<sup>1</sup> **Submetido em:** 18 fev. 2019 - **Aceito em:** 19 mar. 2019 - **Publicado em:** 29 dez. 2019

<sup>2</sup> Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) – E-mail: natha\_30@hotmail.com

<sup>3</sup> Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) – E-mail: aferrari13@globocom

*formas que nos llevan a pensar y entender el mundo como entendemos. Así, elegimos discutir y problematizar la cuestión del femenino en relación a la obesidad, que, en conjunto con el feminismo y los artefactos culturales, son nuestros argumentos centrales en este texto. En el caso de las mujeres, la mayoría de las veces, la mayoría de las veces, En la escuela, Preciosa es demasiado grande para su mesa; en el restaurante, deducen que su porción será siempre la mayor; en casa, es humillada, violada y irrespetada, todo parece sugerir un caos personal absoluto e indisoluble. Las condiciones humanas y sus trampas nos invitan a volver nuestra mirada a los patrones estéticos considerados aceptables y que hacen la vida y la existencia de Claireece un lugar de soledad.*

**Palabras clave:** Género. Feminismo. Gordofobia.

## Introdução

Podemos dizer que a obesidade se tornou um problema, tendo sido construída discursivamente como tal. Isso significa pensar que o discurso não é só falar, mas a necessidade de entender, de explicar e de enquadrar conhecimentos e sujeitos no que está sendo dito (FOUCAULT, 2012). Diferentes discursos, em tempos distintos, constituem a obesidade e nos fazem olhar para os indivíduos e classificá-los. Segundo a Sociedade Brasileira de Endocrinologia e Metabologia (SBEM)<sup>i</sup>,

A obesidade é caracterizada pelo acúmulo excessivo de gordura corporal no indivíduo. Para o diagnóstico em adultos, o parâmetro utilizado mais comumente é o do índice de massa corporal (IMC). O IMC é calculado dividindo-se o peso do paciente pela sua altura elevada ao quadrado. É o padrão utilizado pela Organização Mundial da Saúde (OMS), que identifica o peso normal quando o resultado do cálculo do IMC está entre 18,5 e 24,9.

A utilização dessa definição de obesidade da Sociedade Brasileira de Endocrinologia e Metabologia se justifica para evidenciar suas condições de emergência a partir do que Michel Foucault (2012) vai chamar da “ordem do discurso”. Com isso, queremos argumentar que os discursos produzidos sobre obesidade dizem de um período particular da história, com a função de normatizar e regular os sujeitos, seus corpos, seus entendimentos de saúde. Não por acaso, é a medicina que vai se dedicar amplamente a estabelecer os “parâmetros” daquilo que é obeso, colocando em funcionamento mecanismos de organização do real nas suas relações com os saberes, as estratégias e as práticas que estabelecerão uma certa fronteira entre quem está acima do peso considerado “ideal” ou não e, por consequência, aqueles considerados, enquadrados, classificados e nomeados como obesos. Em última análise, são esses efeitos dos discursos e saberes sobre os sujeitos que está em jogo.

A definição acima busca se amparar em outra organização para construir seus argumentos de autoridade: a Organização Mundial da Saúde (OMS) que – também tem uma definição associando a obesidade à saúde e ao controle que é exigido dos sujeitos. Para essa instituição, a obesidade é uma doença resultado do excesso de gordura no ser humano.

De seis bilhões de habitantes do planeta 23,4% estão com excesso de peso. É uma condição médica na qual se verifica acumulação de tecido adiposo em excesso ao ponto de poder ter impacto negativo na saúde, o que leva à redução da esperança de vida e/ou aumento dos problemas de saúde. Uma pessoa é considerada obesa quando o seu índice de massa corporal (IMC) é superior a 30 kg/m<sup>2</sup><sup>ii</sup>.

Dessa forma, a obesidade está sendo construída como um problema de saúde individual, de saúde pública, de comportamento alimentar, da relação com atividade física, de transtornos psíquicos, envolvendo a função da medicina, das famílias e das escolas.

Interessado nas relações entre pensamento e verdade, Michel Foucault (2012) assume uma perspectiva histórica para estabelecer a correlação entre formas de pensar e conhecer com a construção das verdades e dos sujeitos, tendo o corpo como elemento discursivo importante nos jogos de verdade sobre o sujeito moderno. Assim, é esta a perspectiva teórica que orienta este artigo, ou seja, aquela que toma os sujeitos nas suas articulações com os discursos, atravessados por relações de saber-poder, enfim, a perspectiva pós-estruturalista com inspiração nos trabalhos do filósofo Michel Foucault. Inspirados por esse autor, queremos assumir a postura da problematização do sujeito para investir no que Foucault (1995, p. 7) nos ensina: “é preciso se livrar do sujeito constituinte, livrar-se do próprio sujeito, isto é, chegar a uma análise que possa dar conta da constituição do sujeito na trama histórica”. Com isso, não nos basta dizer que a obesidade é um problema. Interessa-nos, antes, pensar os efeitos desse discurso-verdade na constituição dos sujeitos, sobretudo como eles vêm se prolongando nos artefatos culturais, que, conjuntamente, ensinam modos de ser e estar no mundo.

A crítica é que, desde a modernidade, somos levados a nos perguntar: quem sou eu? Para responder a tal pergunta, alimenta-se uma vontade de saber constantemente investida sobre os desejos, as experiências e os corpos. Cada vez mais o corpo é levado em consideração para responder a essa pergunta. Os sentidos que vamos construindo de nós mesmos e dos outros está incansavelmente sendo burilado por sujeitos que tomam o corpo como matéria-prima de identificação e de afirmação de si. Com isso, queremos partir do pressuposto de que as formações discursivas do corpo, da vida e do homem têm efeitos nos modos de subjetivação, com especial atenção para a construção do corpo feminino obeso – da mulher gorda – de maneira que entendemos que a interferência e a ação sobre esse corpo da mulher gorda não são naturais, mas resultado da ação discursiva sobre os sujeitos, singularmente emergente na história do pensamento moderno e no que vamos definindo como saudável, belo e atraente.

Se prestarmos atenção para as reportagens televisivas, matérias de jornais e artigos do campo da estética e da educação física, podemos perceber o sentido de denúncia que está sendo investido nesses artefatos culturais, insistentemente recorrendo ao aumento de sobrepeso que vem assolando a sociedade nos últimos anos. Além de recorrer a gráficos para comprovar esse aumento, também se dedicam a apontar as causas de tal efeito nefasto para sujeitos e sociedade, como a falta de atividade física, associada à mudança de hábitos alimentares e da relação das crianças com as formas de brincar, que abandonam as brincadeiras que envolviam a atividade física regular, para se postarem diante da televisão, computadores, celulares. Com essa lógica de construção, esses artefatos acionam indivíduos e instituições, tais como família e escolas, para uma ação sobre os corpos desde a infância até a fase adulta, fazendo com que o corpo esteja no centro das nossas atenções, controles e vigilâncias, estabelecendo formas desejáveis de habitar este mundo.

Foi o desejo de problematizar essas construções e relações entre pensamento, corpo e sujeitos que nos conduziu a escolher o filme “Preciosa” como inspiração para colocar sob suspeita os processos educativos a que estamos sujeitos e que nos enquadram e nos constituem como sujeitos de determinado gênero, sexualidade, classe e também detentores de determinados corpos. A moça obesa de um bairro pobre de Nova Iorque toca nossos sentimentos mais profundos. Poderíamos iniciar este texto dizendo sobre várias outras coisas que nos despertam a atenção em Claireece Precious Jones – a personagem principal do filme – mas a obesidade é o que mais nos afeta, pessoal e academicamente, neste momento. Primeiro, porque os rótulos que dizem dos corpos e dos sujeitos incomodam, fixam e aprisionam, afetando a todos nós, gordos ou não, de maneira que vivemos um tempo de controle do peso, investimento em atividade física, preocupação com saúde, alimentação, medicamentos, cirurgias e tratamentos médicos que afetam nossas relações afetivo-sexuais. O campo pessoal interfere e nos orienta nas formas de conhecer, pesquisar e escrever, como nos lembra Guacira Lopes Louro (2007), de tal modo que nossas pesquisas e interesses de investigação dizem das nossas formas de ser e estar no mundo.

Outra motivação para a escrita deste artigo diz do nosso foco em pesquisar a relação entre artefatos culturais, especialmente o cinema, e a constituição do sujeito e das subjetividades. Esse nosso interesse se inspira nos argumentos de Elizabeth Ellsworth (2001), nas suas análises sobre a relação entre os modos de endereçamento e educação. Os modos de endereçamento nos convidam a olhar para nós mesmos a partir do que se vê na tela. Isso porque vamos realizando encontros e desencontros entre o que vemos e o que vivemos. Dessa forma, quando assistimos aos filmes, invocamos imagens, sentimentos, experiências, significações, enfim, saberes que são acionados para que possamos entender o filme, ao mesmo tempo em que orientam e educam a vida das pessoas, “ensinando-lhes modos de ser e estar na cultura em que vivem” (FISCHER, 2002, p. 153). Os filmes, como parte da cultura, também nos ensinam coisas.

Na organização da escrita, queremos, inicialmente, tomar a imagem da mulher negra, obesa, que o filme constrói, para pensar o investimento no corpo feminino que está organizando nossa sociedade e, a partir disso, como se constrói discursivamente a obesidade.

## Mulher Preciosa

Brincando com o título do filme, queremos provocar o pensamento: qual é a “mulher preciosa” que a nossa sociedade valoriza? Para responder a essa provocação, poderíamos fazer uma análise do filme, tendo em vista as várias possibilidades de discussão que ele suscita, até mesmo para nossa vida profissional, como educadores presentes nas escolas de Juiz de Fora, que atendem jovens dos anos finais do Ensino Fundamental. Mas o que nos moveu, inicialmente, foi a representação da mulher Preciosa, a trama e o drama que do filme surgiram. Toda a história é marcada centralmente pelo corpo obeso que organiza o drama da personagem em não lidar bem com aquilo que dele e sobre ele se diz, se olha, se incomoda. O seu corpo lhe dá um lugar e um entendimento de si no jogo de significações que nos constitui

histórica e socialmente. No livro “Catadores da Cultura Visual”, Fernando Hernández (2007) nos leva a pensar sobre a importância da vinculação entre um tema e a nossa história.

O “ter a ver” refere-se ao que gira em torno a um tema, um problema que nos preocupa, que nos interroga e que nos afeta, do qual nos aproximamos (nós e eles), buscando formas alternativas de investigar sobre as versões que foram sendo construídas em relação aos fenômenos que são objetos de nosso interesse (HERNÁNDEZ, 2007, p. 95).

Dialogando com a citação acima, acionamos Elizabeth Ellsworth (2001) que, ao analisar os modos de endereçamento como algo do cinema e da educação, também toma esse termo dos estudos de cinema – os modos de endereçamento – para dizer que ele é algo que acontece entre o filme e os sujeitos, no investimento na mudança social a partir da resposta a duas questões que estão nos filmes: Quem o filme pensa que sou? Quem ele quer que eu seja?

Para que o filme aconteça e para que ele aconteça em mim, espectador, é necessário que cada um de nós, que estamos assistindo a ele, preenchamos, com nossas histórias, vivências, sentidos e experiências, aquilo que estamos vendo e ouvindo. Ao realizarmos essa ação e entrando no filme, preenchamos um espaço do vazio existente entre mim e a tela, entre o social e o individual, de tal forma que, ao fazer isso e pensar sobre isso, estamos falando e olhando para nós mesmos e não mais para o filme. Esse ponto da reflexão de Ellsworth (2001) é importante para nós nesta escrita, porque diz tanto do nosso interesse pelo filme, quanto da reflexão que estamos fazendo a partir da recepção do filme, em diferentes momentos formativos que utilizamos para pensar obesidade, corpo feminino, saberes e subjetividades. Ao fazer isso, associamos o sentido estético do filme à sua função educativa, entendendo educação como algo mais abrangente que diz da constituição dos sujeitos a partir da educação do olhar.

Quando assistimos ao filme junto com professoras de constituição corporal distintas, percebemos o apelo que o corpo gordo causa nas pessoas, atribuindo um sentido de dificuldade, de abandono, de desleixo e de falta de amor do sujeito por aquilo que ele é, o seu corpo. O filme contribui para esse endereçamento com quedas, locomoção dificultada, expressões faciais de tristeza, ansiedade na forma de comer, enfim, situações que dialogam e são corroboradas por aquilo que comumente escutamos e vemos em outros artefatos culturais que associam a obesidade à falta de exercício e descontrole alimentar.

Temos trabalhado com a relação entre cinema e processos educativos analisando os filmes em seus processos de educar o olhar e os sujeitos a partir de dois aspectos: o político e o poético (FERRARI; CASTRO, 2012). No aspecto político, argumentamos que os filmes constroem, na articulação entre imagens, situações e falas, suas mensagens, um investimento discursivo, a lógica do filme. No entanto, temos sempre a liberdade de construir algo próprio a partir do preenchimento desse espaço do vazio entre a tela e nós. Quando fazemos isso, damos ao filme uma leitura individual que dialoga com o social e contexto histórico e cultural que nos constituiu e constitui, é o que estamos chamando de aspecto poético dos filmes. A poética de Preciosa também age em nós e nas professoras que assistem ao filme já endereçadas, por se tratar de uma sessão realizada em disciplinas e cursos de formação docente.

Não é qualquer corpo que é o protagonista no filme, mas o corpo de uma mulher negra, um corpo obeso, de dimensões grandes que chama atenção onde passa, como passa, que desperta olhares, julgamentos, análises tanto daqueles que compõem o filme quanto daqueles que assistem. À trajetória da personagem é acrescida uma série de exclusões que são entendidas como resultado da obesidade, entre elas, a falta de amor ou de uma experiência amorosa, assim como o desinteresse dos outros resultando na falta de amizade. Um sentido que é construído em relação ao que comumente encontramos na atualidade que diz de corpos magros incluídos, valorizados e aceitos e corpos obesos excluídos, desvalorizados e não aceitos, gerando movimentos de resistências discursivas e imagéticas em prol da aceitação de corpos outros que não se limitam à magreza, investimentos e controles físicos e alimentares sob o argumento de que podemos ser e estar no mundo de diferentes formas, tamanhos e pesos.

As professoras, chamadas a falar do filme ou a partir dele, acionam olhares e discursos educados por relações de poder em que o científico é forte, como, por exemplo, os discursos médicos que dizem de uma crescente preocupação mundial com a saúde, atribuindo um lugar para a obesidade como causadora de um problema de saúde pública. Desde 2003, a Organização Mundial da Saúde considera a obesidade uma epidemia global.

Mas podemos considerar que a esse discurso soma-se o aspecto sexista que marca nossa sociedade e que faz crescer um olhar ainda mais preconceituoso e discriminatório que atinge, sobremaneira, o corpo das mulheres, que julga e aceita menos a obesidade feminina. Podemos dizer que as mulheres são mais afetadas pelos discursos da obesidade que associam saúde com estética, corpo com atrativos sexuais, que, ao mesmo tempo em que estabelece critérios de beleza, também julga corpos que se desviam dessa norma de um corpo valorizado.

Não por acaso, Preciosa atribui a falta de amor e amigos à sua obesidade. Como afirma Rogério José de Almeida (2013, p 16), “as mulheres obesas são frequentemente excluídas dos contextos sociais, como trabalho, escola, lazer, práticas de esportes, entre outros e privadas de desenvolverem muitas atividades, ou seja, de transitar nos mesmos ambientes que pessoas magras”. Preciosa é empurrada pelos outros jovens, é acusada de incomodar e tapar a visão dos demais na sala de aula, a carteira escolar não é adequada ao seu corpo, as roupas são apertadas, pelas blusas e calças escapam partes do corpo. Enfim, situações no filme que acabam construindo um sentimento de pena, que, ao mesmo tempo que atribui um julgamento negativo àquele que faz a ação de empurrar e recusar o corpo obeso, também leva as professoras a recusar para si aquela situação, ou seja, recusar para si o corpo obeso para não correr o risco de passar pelas mesmas situações vivenciadas no filme e no social. Associada aos riscos de vida que a obesidade aciona também está o investimento na juventude e beleza que a obesidade também afeta.

O desejo de repensar as condições humanas não pode ser deixado de lado... Inicialmente pensamos no corpo, corpo este profundamente marcado por estigmas que o ligam ao preconceito e ao isolamento. Assim, torna-se inevitável problematizar a construção dos corpos em nossa sociedade que se apresenta machista, androcêntrica e paradoxalmente

indiferente e acusatória ao que foge ao padrão imposto, à vigilância dos corpos. Para isso, a reflexão de Luiz Claudio Kleaim (2016, p. 10) nos parece importante neste momento:

Ler um corpo é tramar-lhe signos: um nome, uma raça, um sexo, uma deficiência, uma pessoa, um gênero, uma sexualidade. Ler um corpo é reconhecê-lo por meio da linguagem, é observá-lo atravessa(n)do (por) dispositivos e normas, regimes de poder e biotecnologias. [...] Viemos aprendendo com os feminismos que aliar uma personalidade e uma identidade a um corpo está para além de adjudicar-lhe um gênero, um sexo e uma sexualidade; mais que isso: enredamo-lo (nosso corpo) na divisão social (e sexual) do trabalho e nos limites de participação/exclusão dos diversos espaços sociais, passando pelos gestos contidos (ou agressivos) até chegar nas próteses de silicone, no cinema pornô, na anorexia e na bulimia...

Negra, pobre, grande e profundamente sozinha, Claireece não passa despercebida... Na escola, é grande demais para sua mesa; no restaurante, deduzem que sua porção será sempre a maior; em casa, é humilhada, violentada e desrespeitada, tudo parece sugerir um caos pessoal indissolúvel. A imagem que se tem é de uma mulher extremamente vulnerável, violentada e analfabeta, que se encontrava enredada em uma trama de violência familiar.

7

Preciosa refugia-se no sonho: é uma estrela da música, é alguém que frequenta o tapete vermelho, é alguém que recebe o desejo de outras pessoas. As condições humanas e suas armadilhas estão o tempo todo presentes e nos convidando a olhar para o encontro entre o social e o individual: a condição da mulher negra, completamente distante dos padrões estéticos considerados aceitáveis, torna a vida e a existência de Claireece um lugar de solidão. A obesidade tem sido apresentada como um lugar de solidão: padrões estéticos são armaduras feitas de ferro ou de outros materiais que não se moldam. São propositalmente duros e inflexíveis. Preciosa não cabe ali dentro e todos nós, em certa medida, também não. Discursos saudáveis povoam horários de TV, páginas de revistas e médicos apresentam seus guias de vida longa e feliz em corpos magros, ágeis e “bonitos” em que, certamente, Claireece não se encaixa. Hoje circulamos entre os corpos obesos desvalorizados e magros valorizados, entendidos como garantia de sucesso, felicidade e amor. No entanto, estar em um ou em outro lado não é garantia de nada.

## Os artefatos culturais

Os artefatos culturais possibilitam problematizações importantes para questões que nos inquietam. Foram os Estudos Culturais que exploraram as relações entre a educação e os artefatos culturais, tais como a publicidade, o cinema, entendendo-os como artefatos que fazem parte de um conjunto de instâncias culturais que educam os sujeitos pela imagem. Assim, queremos tomar o filme “Preciosa” como um artefato cultural que, muito mais do que transmitir uma mensagem, age como uma pedagogia cultural produzindo valores, saberes e sujeitos, controlando e vigiando condutas e formas de ser e estar no mundo.

O cinema e os filmes constroem corpos porque o corpo não é somente um corpo, mas também o que dele se diz, o seu entorno e seus acessórios, para além dos músculos, ossos, gorduras, sensações, enfim, a imagem que dele se produz. Com isso, queremos pensar com Silvana Goellner (2003), quando diz que o corpo é construído pela linguagem para aposta nas

possibilidades infinitas que temos de transformação dos corpos e sujeitos e do que falamos, sabemos e agimos sobre eles.

Assim, o filme “Preciosa” nos convida a pensar incisivamente sobre a construção da imagem feminina. O corpo feminino está constantemente aprendendo nas relações com outros corpos, na interação com outros corpos femininos e seus códigos de comportamento, beleza e performatividade de gênero, na relação com os corpos que compõem o núcleo familiar, com o grupo de amizade, com os pares amorosos e sexuais, mas também através de outros corpos que estão presentes na televisão, no cinema, na escola, internet, enfim, com uma infinidade de modelos valorizados e desvalorizados. Consideramos importante dizer que, frente a toda sorte de imagens a que estamos expostos, quer seja sobre a forma de bens consumíveis, quer seja sobre a imposição de um modo de viver que privilegia a beleza, a juventude, a magreza, há, também, estampadas em revistas, propagandas de TV, *folders* que nos são oferecidos na rua, *sites* da internet, informações que buscam nos capturar por meio de conceitos, ideologias que se materializam diante de nós, de maneira muito incisiva. Considerando o exposto, parece que a vida tem um roteiro a ser seguido... Tais afirmações estão em consonância ao que Aracy Ernst-Pereira (2005, p. 2) nos instiga:

O culto à juventude e a beleza, o privilégio da pele branca, o medo da velhice e da morte, a moda e as representações coletivas impõem cânones que só um pequeno número consegue alcançar e impedem que a maioria sinta-se à vontade em seu próprio corpo e aceite sua imagem. Historicamente, essa relação é construída através de diferentes práticas discursivas que atuam no sentido de conter os corpos. Existem na realidade, sistemas de coerção que proíbem certos corpos – o gordo, o baixo, o negro, por exemplo-, e certas palavras e expressões que se referem, de maneira grosseira ao corpo, como as encontradas nas portas e paredes dos banheiros das escolas.

A ideia de construção é central para nós e justifica nosso olhar problematizador para a ação dos artefatos culturais sobre os sujeitos. Nosso argumento é que existem pedagogias atuando em diferentes espaços e não exclusivamente nas escolas. Pedagogias que nos ensinam o tempo todo a sermos de determinado gênero, detentores de distintas e classificáveis sexualidades, que nos dizem como nos comportar, relacionar, agir e saber sobre nós mesmos e sobre os outros.

Pensando na linha de condução de Elizabeth Ellsworth (2001), para quem os filmes buscam responder duas questões que investem na transformação dos sujeitos, podemos pensar que “Preciosa” se organiza no entendimento de sociedade que educou um olhar julgador sobre a obesidade como algo indesejável, de tal forma que as ações dos sujeitos no filme podem encontrar algum eco no expectador familiarizado com elas.

Nesse sentido, podemos supor que o expectador é chamado a se posicionar e a fazer uma certa revisão de como lida com a obesidade, sendo capaz de encontrar afinidade com o sofrimento da protagonista e mesmo a rever suas posturas no meio social em que vive. O filme revela a pessoa por trás do corpo obeso, expõe suas sensações e pensamento, algo que comumente não conhecemos nos nossos contatos pessoais cotidianos. Assim, através do filme, somos Preciosas, pensamos como ela, sentimos como ela e, quando assumimos esses

lugares que os filmes nos convocam, estamos sendo educados por outra perspectiva, pela posição do outro, do diferente.

O culto ao corpo é, hoje, quase uma obrigação, envolvendo alimentação, exercícios físicos, consumo, intervenções cirúrgicas, construção de autoimagem nas redes sociais, enfim, ações que paradoxalmente tornam os corpos mais visíveis e objetos de investigação, como também silenciados. Não é raro o trabalho de esconder determinadas partes do corpo que não consideramos dignas de serem mostradas, assim como aumentam os perfis falsos nas redes sociais e imagens distorcidas de nós mesmos. Do mesmo modo como criamos formas de admirar os corpos, também nos dedicamos a negá-los. Ainda sobre a produção dos corpos, que, na contemporaneidade, ultrapassa a materialidade orgânica e fisiológica, oriundas de discursos médicos, a autora Maria Rita de Assis César (2009, p. 269) também argumenta: “[...] o corpo contemporâneo é ainda mais plástico e maleável, pois a ele se destina um número quase infinito de intervenções visando produzi-lo como mais jovem, mais magro, mais flexível, mais leve, mais ágil, mais versátil e mais rápido”.

Poderíamos ter escolhido outro filme, outra temática, discussões que fossem menos densas para nós neste momento, já que reconhecemos que estamos subjetivados em meio a esses discursos que nos acusam de obesos. A poética de *Preciosa* nos toca porque nem sempre fomos gordos. O filme nos convida a pensar nossa trajetória corporal a partir do hoje, do corpo atual e nos revela nossos desejos pelos corpos magros, sejam os nossos ou mesmo do que nos atrai nos corpos dos outros como critério de atração amorosa e sexual.

A história de *Preciosa* nos faz repensar nossas histórias para nos ensinar que pensar o próprio corpo está diretamente ligado ao processo de pensar a si mesmo, às identidades ancoradas no corpo que nos constitui. Sabemos da presença desejada e esperada que um corpo magro sugere. Somos ensinados culturalmente a reconhecer esses corpos através de práticas que produzem efeitos sobre os sujeitos, incluindo e excluindo corpos e pessoas. Dizer que os corpos são construções, que estão ligados às identidades das pessoas, que incluem e excluem, que acionam saberes, é, sobretudo, considerar que esses processos estão atravessados por relações de poder (FOUCAULT, 1988).

Experimentamos o prazer de sermos vistos, a delícia de sermos desejados e de termos corpos admirados. As sensações desses processos de encontros entre corpos e sujeitos nos ensinam, nos posicionam na relação de poder que os desejos e os jogos de atração organizam. Para Rosa Fischer (2002, p. 153, grifos do original),

“dispositivo pedagógico da mídia”, [...] mostra de que modo opera a mídia (e, particularmente, a televisão) no sentido de participar efetivamente da constituição de sujeitos e subjetividades, na medida em que produz imagens, significações, enfim, saberes que de alguma forma se dirigem à “educação” das pessoas, ensinando-lhes modos de ser e estar na cultura em que vivem.

Algumas vezes também experimentamos o lugar do corpo invisível, daquele que passa despercebido por diferentes motivos, seja porque já se encontra distante da juventude (outra moeda valorizada na nossa sociedade), fora do peso ideal, adepto de uma outra moda, gostos, formas de se comportar ou vestir. Visíveis ou visíveis demais. Porque há desejo em nós e porque há desejo em *Preciosa*, algo pode ser diferente.

## A escola

Outra escola, outra vida. Nas tramas das relações a que estamos expostos, a escola tem um papel de destaque. Nas tantas histórias que vivenciamos em nossos cotidianos como professoras e professores, de fracassos, desistências e também resistências, principalmente por aquelas e aqueles que fogem aos padrões que a escola classifica como aceitável, quer seja de comportamento, quer seja de formas de aprender, quer seja da forma como vive a vida, quer seja sobre padrões de gênero e também de sexualidade, ainda assim, a escola é um marco importante. Em seu livro “Como se aprende a ser menina – o sexismo na escola”, a autora Montserrat Moreno, já em 1999, trazia uma reflexão interessante sobre a função da escola:

A escola tem marcada uma dupla função: a formação intelectual e a formação social dos indivíduos, ou seja, seu adestramento nos próprios modelos culturais. Porém, caso se limite a isso, terá feito um pequeno favor à sociedade. Não será mais que um aparelho reprodutor de vícios e virtudes, de sabedorias e de mediocridades. Sua missão pode ser muito diferente. Em lugar de ensinar o que os outros pensaram, pode ensinar a pensar, em lugar de ensinar a obedecer, pode ensinar a questionar, a buscar os porquês de cada coisa, a iniciar novos caminhos, novas formas de interpretar o mundo e de organizá-lo (MORENO, 1999, p. 17).

10

A escola e, conseqüentemente, as relações que lá acontecem, dizem de algo que é fundamental na constituição das nossas subjetividades que é a ação do outro sobre nós mesmos e o tanto que essa ação, que esse olhar do outro sobre nós nos define. A escola pode ser esse lugar de problematização, quando ajuda que coloquemos em dúvida o que pensamos, para nos possibilitar a pensar diferente. Ao se perceber alfabetizada, Preciosa escreve e sua professora a incentiva, mostrando que é possível pensar diferente:

Professora vai até ela e diz: “Escreve”.  
Preciosa: “Eu tô cansada, dona Rain”.  
Professora: “Se não for por você mesma, faça pelas pessoas que amam você”.  
Preciosa: “Ninguém me ama”.  
Professora: “As pessoas te amam, Preciosa”.  
Preciosa: “Não mente pra mim, dona Rain. O amor não fez nada por mim. O amor me machucou, me chamou de animal, fez eu me sentir inútil, me deixou doente!”  
Professora: “Isso não é amor, Preciosa (a professora chora). Seu bebê ama você, eu amo você” (PRECIOSA, 2009).

O que se tem por dentro não corresponde necessariamente à miséria de sentimentos que se vive por fora. O gueto de Preciosa era somente externo. As violências sentidas, o abuso do padrasto e a falta de amor da mãe não impediram que ela pudesse amar, que pudesse mostrar ao filho aquilo que não sinalizaram para ela.

Poeticamente, Preciosa investe em nós para sermos pessoas melhores. Enche-nos de esperança, faz pensar em possibilidades, reinvenção, amor e força. Ser mulher é um desafio que requer, diariamente, posicionamentos. Acreditamos que politicamente esta é uma questão que perpassa o filme. A temática da possibilidade de reinventar a própria vida, de se fortalecer na adversidade e de se tornar algo que ninguém esperava que você fosse.

Preciosa não é um filme piegas de superação... É a força do ser humano que reside em cada ação que se pode ter, nas vitórias pequenas, diárias e cotidianas que nos ensinam, nos motivam e nos modificam. São forças discursivas que atravessaram a personagem Preciosa e que não foram capazes de deixá-la no mesmo lugar.

Foucault (2012), ao falar sobre o discurso, permite-nos entender que, por ele, há todo o atravessamento da experiência e que, mais importante que o conteúdo que dele possa vir, é o papel que ele desempenha na ordenação do mundo. Nas palavras do autor, por discurso entende-se:

Não é aquilo que se manifesta (ou oculta) o desejo; é também, aquilo que é o objeto do desejo; e visto que – isto a história não cessa de nos ensinar- o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo porque, pelo que se luta, o poder do qual queremos nos apoderar (FOUCAULT, 2012, p. 10).

O discurso presente em *Preciosa*, um artefato cultural, nos permite desaprender e repensar. As imagens nos educam e possibilitam que sejamos diferentes. Assim, quando olhamos para Claireece, nos é permitido enxergar a nós mesmos, com nossas mazelas, nossos desamores, nossas rejeições... A força do filme *Preciosa* talvez resida na ausência do que é fantástico, nada de finais surpreendentemente elaborados, como os sonhos em que ela se refugiava, mas, sim, um dia a dia que pode transformar pessoas.

## Considerações finais

Neste artigo concentramos nossas análises em três pontos, que nos interessam como investimento nos modos de nos tornarmos sujeitos, como resultado de processos educativos. O primeiro deles é exatamente a ampliação do entendimento de educação e do que estamos considerando como processos educativos de constituição dos sujeitos. O segundo diz dos dispositivos pedagógicos que organizam os artefatos culturais e seus vínculos com os processos educativos dos sujeitos. E, por último, o cinema como desafio e potencialidade no campo da educação.

A respeito do primeiro ponto, queremos recuperar a perspectiva foucaultiana dos modos de subjetivação. Como nos lembra Alfredo Veiga-Neto (2003), na introdução do livro “Foucault & a educação”, pensar as contribuições desse autor para esse campo do conhecimento é colocar em movimento uma vontade de saber. E, mais do que isso, é recuperar uma questão nietzschiana que organizou todo trabalho de Foucault: “que estão (os outros) e estamos (nós) fazendo de nós mesmos?” (VEIGA-NETO, 2003, p. 12). Também nos interessou, neste artigo, tomar os processos de constituição dos sujeitos em meio aos discursos, a ação sobre si mesmo e sobre os outros. Olhar e dar protagonismo ao filme “*Preciosa*” e sua personagem foi uma maneira de pensar como somos resultados de processos educativos para além das escolas e do que formalmente acontece nas salas de aulas e em outros espaços de formação institucionalizados. Trabalhamos com um entendimento mais amplo de educação. Quando nascemos, já viemos num mundo organizado discursivamente, o

que significa que somos muito mais resultado desse mundo discursivo do que produtores dele, muito embora não exista discurso sem sujeito.

Mas afirmar isso não significa que estamos presos ou devemos continuar presos a esse mundo organizado discursivamente. É preciso fazer acontecer as transgressões, as desconstruções e ultrapassar os limites que essa realidade nos impõe. Foi apostando nesse ponto que este artigo foi escrito, ou seja, como um convite para colocar sob suspeita aquilo que nos constitui para poder fazer diferente. Por isso, nosso sentido de educação é mais abrangente, considerando que as formas de aprender, os nossos modos de saber, ser e existir, de nos relacionar com o mundo, imagens e saberes, de nos comportar, de constituir os outros e a nós mesmos se fazem por ações e saberes nos diferentes espaços em que circulamos.

Trabalhar com saberes e imagens que educam nossos olhares e vão nos constituindo foi uma forma de discutir as relações entre poder e saber na constituição dos sujeitos. Essa relação atravessa as definições de obesidade que trouxemos no início do artigo, mas também estão presentes nas escolas e nos dispositivos pedagógicos da mídia. São essas ações discursivas sobre os sujeitos que vão constituindo a obesidade e, mais especificamente, a mulher obesa, que é o nosso interesse neste artigo.

A escola participa desse processo, mas os dispositivos pedagógicos envolvem outras instâncias de saber-poder, como o cinema, por exemplo. O filme “Preciosa” aciona processos de comunicação, de saber e de poder que organizam o entendimento do filme, ao mesmo tempo em que educa os sujeitos numa direção e entendimento de obesidade e de seus reflexos no campo social. Escola e cinema se encontram como eficiente dobradiça capaz de fazer funcionar os poderes e saberes que os constituem e que ensinam. A obesidade é um dispositivo que envolve saberes, imagens, normas médicas, práticas alimentares, enfim, uma série de ações e práticas que constituem e fazem circular os jogos discursivos que darão origem a sujeitos obesos ou não.

Por fim, tomamos o cinema, e um filme em particular, como gatilho para uma discussão, levando em consideração o que Ismail Xavier (2008, p. 15, grifos do original) propõe sobre a relação entre cinema e educação, de “que um cinema que “educa” é aquele que (nos) faz pensar – e que (nos) faz pensar não somente sobre o cinema em si mesmo, mas, igualmente, sobre ‘as mais variadas experiências e questões que ele coloca em foco’”. Em outras palavras, não se trata de “oferecer certo conteúdo”, mas de provocar a reflexão, de questionar o que é tomado como natural, como dados inquestionáveis. Chamar atenção para as construções discursivas do corpo obeso foi o nosso foco para dizer que os corpos têm história, são história, são construções históricas que nos convidam a ficar atentos para essas investidas nos sujeitos com seus corpos, colocando, assim, sob suspeita e desconstruindo nossas submissões aos regimes de verdade que nos constituem.

## Referências

- ALMEIDA, Rogério José de. **Obesidade nos corpos das mulheres e os olhares sobre os discursos medicalizantes**. 2013. 213 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade de Brasília, Brasília, 2013.
- CÉSAR, Maria Rita de Assis. (Des)educando corpos: volumes, comidas, desejos e a nova pedagogia alimentar. *In*: RAGO, Margareth; VEIGA-NETO, Alfredo (org.). **Para uma vida não-fascista**. 1 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009. p. 269-279.
- ELLSWORTH, Elizabeth. Modos de endereçamento: uma coisa de cinema; uma coisa de educação também. *In*: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Nunca fomos humanos: nos rastros do sujeito**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. p. 7-76.
- ERNST-PEREIRA, Aracy. A construção do corpo através do discurso. Escatologias no espaço escolar. *In*: IV Congreso Latinoamericano de estudios del discurso. Santiago do Chile: **Actas del Encuentro**, 2005.
- FERRARI, Anderson; CASTRO, Roney Polato de. **Política e Poética das imagens como processo educativo**. 1 ed. Juiz de Fora: Editora da UFJF, 2012.
- FISCHER, Rosa Maria Bueno. O dispositivo pedagógico das mídias: modos de educar na (e pela) TV. **Educação e Pesquisa**. São Paulo, v. 28, n. 1, p. 151-162, jan./jun. 2002.
- FOUCAULT, Michel. **A História da Sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.
- FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970**. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 2012.
- FOUCAULT, Michel. Verdade e poder. *In*: FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1995. p. 4-12.
- GOELLNER, Silvana Vilodre. A produção cultural do corpo. *In*: LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana Vilodre (org.). **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. 1 ed. Petrópolis: Vozes, 2003. p. 28-40.
- HERNÁNDEZ, Fernando. **Catadores da Cultura Visual: proposta para uma nova narrativa educacional**. 1 ed. Porto Alegre: Editora Mediação, 2007.
- KLEAIM, Luiz Claudio. Prefácio. *In*: RODRIGUES, Alexsandro; MONZELI, Gustavo Artur; FERREIRA, Sérgio Rodrigues da Silva (org.). **A política no corpo: gêneros e sexualidades em disputa**. Vitória: EDUFES, 2016. p. 9-14.
- LOURO, Guacira Lopes. Conhecer, pesquisar, escrever... **Educação, Sociedade & Culturas**. Porto Alegre, n. 25, p. 235-245, 2007.

MORENO, Montserrat. **Como se ensina a ser menina:** o sexismo na escola. 1 ed. São Paulo: Editora Moderna, 1999.

**PRECIOSA:** uma história de esperança. Direção Lee Daniels. EUA: PlayArt, 2009. DVD.

VEIGA-NETO, Alfredo. **Foucault & a Educação.** Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

XAVIER, Ismail. Um Cinema que “Educa” é um Cinema que (nos) faz Pensar: entrevista com Ismael Xavier. **Educação & Realidade.** Porto Alegre, v. 33, n. 1, p. 13-20, jan./jun. 2008.

## Notas

<sup>i</sup> Definição retirada da página da instituição. Disponível em: <https://www.endocrino.org.br/o-que-e-obesidade/>  
Acesso em: 28 nov. 2019.

<sup>ii</sup> Disponível em: [https://prezi.com/vq\\_5j1w\\_cbj3/a-obesidade-segundo-a-oms-organizacao-mundial-de-saude/](https://prezi.com/vq_5j1w_cbj3/a-obesidade-segundo-a-oms-organizacao-mundial-de-saude/)  
Acesso em: 28 nov. 2019.

